



## **Pronunciamento do Deputado Goura Nataraj da Assembleia Legislativa do Estado do Paraná**

*URBiNAT/União Europeia  
Conferência de 2022  
Milão, Itália*

Um bom dia a todos!

Em primeiro lugar quero saudar toda a organização deste encontro tão importante e significativo; e agradecer na pessoa dos Professores Beatriz, Isabel e Gonçalo a possibilidade de acompanharmos o projeto URBiNAT como observador desta experiência, que faz convergirem esforços intelectuais e práticos na busca por cidades mais justas e resilientes, onde democracia e ecologia não sejam apenas palavras, mas processos ativos com a participação de toda a sociedade. No ano passado, em plena pandemia, organizamos de forma ‘online’ um congresso semelhante para expor aos gestores e técnicos de municípios do Paraná, Estado que represento como Deputado, os conceitos e possibilidades que o projeto URBiNAT proporciona, na justa expectativa de que possa ser expandido e replicado.

Tentarei ser breve e claro neste tempo que me é concedido para exercer o privilégio de me endereçar a um auditório de dimensões continentais. Não preciso dizer que é uma ocasião honrosa para mim.

Creio que a gravidade e a seriedade das crises concomitantes e paralelas que ocorrem nestes dias, e encontram nas cidades o seu lugar mais dramático, estão na consciência de todos os presentes a este fórum.

Temos a crise do clima, trazendo e mostrando a fragilidade e a vulnerabilidade das nossas cidades, já não mais apenas do chamado Terceiro Mundo, mas de todos os continentes.

E temos a crise da democracia, que se faz acompanhar pelos surtos de autoritarismo e pela tentação das soluções de força, vale dizer, pela unanimidade alcançada sob ameaça e por obediência, quando não vem como um sombrio avatar do fascismo, com seu cortejo de turvos conceitos.

A rigor, nem uma nem a outra crise representam maior novidade, tomadas em si mesmas. No caso da crise ambiental, porém, o que é novo é o grau de intensidade, frequência e extensão com que somos surpreendidos. No caso da crise simultânea e paralela das democracias, hoje alcançando lugares inesperados, dos quais sempre esperamos estabilidade e solidez institucional, algo de novo e de nunca visto parece igualmente estar presente.

Quanto às linhas de enfrentamento de ambas as crises, tampouco parece haver novidade maior na sua cogitação, seja de um aprofundamento da democracia como método de ação e de resolução de problemas práticos, seja na busca de soluções ambientais que se avizinhem da natureza.

Nos dois conjuntos de remédios para as enfermidades políticas e ambientais de que sofre o nosso planeta, encontraremos exemplos históricos recentes e antigos. O que pode ser novo é o nosso esforço de redescoberta de algumas verdades muito simples, que talvez tenham sido um tanto deixadas para trás, seja pela dificuldade de enxergar na escuridão,

seja pela dificuldade de nos fixarmos em conceitos nítidos quando estamos em plena vertigem de mais um ciclo de crise.

Convém, no entanto, lembrarmos a capacidade resiliente dos seres humanos que se mostra em seus altos graus de criatividade e ousadia justamente nestes momentos de rupturas. A tese que reforçamos neste encontro URBiNAT é justamente a de que nestes dois pressupostos está a saída da aporia que nos imobiliza e nos conduz à desesperança e à perpetuação das desigualdades.

Referindo-me à democracia como método, permitam-me que evoque uma passagem da literatura clássica que guarda relação com o que eu gostaria de trazer à consideração das senhoras e senhores.

Trata-se daquele momento sumamente dramático, na “Anábasis” de Xenofonte, em que os mercenários gregos a serviço de Ciro, na guerra que este movia ao rei seu irmão, acham-se no coração do território persa, agora sozinhos e sem o seu patrono, que pereceu em batalha, e sem os seus chefes imediatos, que foram atraídos para uma cilada por Artaxerxes e executados.

Vale dizer que os famosos Dez Mil se acham numa situação desesperadora, cercados de inimigos poderosos, desprovidos de comando, e sem destino ou rumo definido. O que fazem nesta emergência?

Reúnem-se em assembleia, elegem novos líderes, avaliam coletivamente a situação, e coletivamente, mediante a rápida formação de consenso, definem táticas, distribuem tarefas, seguem no longo caminho de volta às suas casas. Os infinitos obstáculos do caminho serão superados um a um pelos mesmos procedimentos.

Trata-se, o clássico relato, da história de uma democracia combatente em movimento.

A nós, que respiramos o ar deste início de década, quase vinte e cinco séculos depois, perigos globais – políticos e ambientais, como estamos frisando – se colocam com igual gravidade e urgência. As ações

humanas desfiguram a paisagem natural num ritmo jamais visto e o homem predador do homem também se coloca no centro desta paisagem. A ênfase no resgate de ações concretas de conscientização e de mobilização das comunidades, buscando os valores e princípios da ajuda mútua, da cooperação, da empatia, da compaixão e da reconexão com o mundo natural, está no cerne do que gostaria de trazer nestas sucintas palavras.

O lugar e o foco de nossa atenção e mobilização, sejam a sociedade como um todo ou a cidade como quadro imediato a considerar, exigem de todos nós que operemos tanto ao nível da micropolítica – incluindo as nossas atitudes junto ao círculo próximo de relações – quanto no plano da macro política, que configura agregados muitas vezes frios e cirúrgicos, e a transformação de realidades em grande escala e de cima para baixo.

Os grandes movimentos do capital que estabelecem hierarquias, oportunidades e trabalhos globais devem ser contrapostos e equilibrados por indivíduos e comunidades conscientes de si e de suas inserções nestes contextos mais amplos. É possível, de baixo para cima, operarmos também transformações urbanas e geopolíticas que indiquem possibilidades de ressignificação de realidades hostis e inaceitáveis. Da Sociedade do Espetáculo de Guy Debord às Cidades Rebeldes de David Harvey um clamor de inconformismo e mudança, sempre dormente em nossos corações, pode ser aceso.

#### O LUGAR DE ONDE EU FALO

Não sou especialista em nenhuma das quatro pontas do nosso dilema – as duas crises e suas respectivas soluções – nem no campo das ciências do meio ambiente, nem no da ciência política. Minha formação acadêmica é a de um estudante de Filosofia que alcançou o grau de mestrado com tese sobre o pensamento de Schopenhauer nas suas relações com os textos védicos da antiga Índia. Minha profissão tem sido a de um instrutor de ioga e de sânscrito.

Neste ilustre fórum, apresento-me como um ativista do ciclismo considerado como modalidade de transporte urbano, que nesta condição teve múltiplas oportunidades de refletir sobre o fascinante fenômeno das cidades, e que o acaso e as circunstâncias levaram para o exercício da representação política. Um cicloativista que, já na condição de representante na Assembleia Legislativa do Paraná, passou a trabalhar também sobre o meio ambiente, agora de modo rotineiro, como presidente da Comissão de Meio Ambiente e de Proteção dos Animais.

Vale dizer que tenho tido diversas oportunidades de contemplar e de agir politicamente sobre temas como a crise das cidades, a crise ambiental, e as formas que vem tomando a ação política das gerações que alcançaram o ano 2000 nos seus vinte anos de idade.

Por volta de 2005, comecei a ver no movimento das bicicletas uma série de possibilidades de transformação das realidades urbanas. A partir de leituras de Ivan Ilitch, com sua visão penetrante da dimensão convencional da sociedade, além de inspirado no exemplo dos Povos holandeses, no movimento das bicicletas brancas, na crítica dos Situacionistas sintetizada também por Debord, bem como na experiência das *massas críticas* pensadas por Chris Carlsson, tratei juntamente com alguns amigos e amigas de organizar em Curitiba, a capital do Estado brasileiro do Paraná, as primeiras *bicicletadas* desta cidade.

Vale assinalar que, nessa forma de manifestação, o próprio número e reunião dos ciclistas faz não apenas a força como também faz a própria paisagem da rua, ao criar, mediante o congestionamento por centenas, às vezes milhares de bicicletas, uma nova realidade concreta.

Em retrospecto, creio que as reformas urbanas realizadas em Curitiba a partir dos anos 70, sob a liderança do urbanista Jaime Lerner, incluindo a instalação de uma primeira malha de ciclovias, construídas sob o signo e na clave do lazer, serviu como condição favorável a esse movimento, que

pretendia levar a bicicleta a todas as ruas e por todas as formas de deslocamento.

As ciclovias nos parques já haviam sido apropriadas pela população e adaptadas a usos cotidianos em suas viagens e deslocamentos na ida ao trabalho e à escola.

Além portanto de um precedente físico, contávamos com um cenário psicossocial favorável, em tese, à recepção da ciclomobilidade, agora vista como modalidade geral de transporte urbano individual. O fator recepção à inovação em soluções urbanas em Curitiba se tornava ainda mais pronunciado, dadas as amplas reformas do sistema de transporte coletivo que a cidade abrigou entre as mudanças introduzidas por Jaime Lerner.

Ainda assim, não foi fácil a vida dos cicloativistas de Curitiba. Com uma massa de veículos automotores de quase um milhão e meio de unidades, entre carros, utilitários e caminhões, boa parte da população deixou de lado o ônibus e não via com bons olhos esses rapazes e moças que protestavam por menos carros e mais bicicletas. Os novos administradores da capital à época, atentos à maioria indiferente à ciclomobilidade, tampouco faziam qualquer esforço para adiantar a pauta da bicicleta, e desconheciam a própria legislação do trânsito brasileira, que assegurava um lugar à bicicleta nas ruas e continha a previsão de ciclovias e de ciclofaixas no tecido urbano.

Já em 2007 partimos para a ação direta. Num final de semana, reunindo cerca de 40 rapazes e moças, alguns deles versados nas artes plásticas e na arquitetura, desenhamos no asfalto do pavimento de importante via urbana, a Rua Augusto Stresser, uma ciclofaixa, em trecho de uma única quadra. Foi a primeira ciclofaixa de Curitiba, e durou apenas uns poucos dias.

Além de mandar prender por algumas horas e processar administrativamente três dos cicloativistas envolvidos na iniciativa, o

gestor municipal determinou o imediato apagamento da sinalização não-oficial da rua.

Em seu curto intervalo de existência, porém, a ciclofaixa alterou para melhor a disciplina do trânsito, com a grande maioria de motoristas demonstrando que aceitava a nova convenção e também com uma espécie de homologação poética por parte das jovens mães, que passaram a trocar a trepidação da calçada de pedras pela lisa superfície do asfalto, com seus carrinhos de bebê.

Assistir à passagem de carrinhos de bebê pela ciclofaixa recém pintada foi um instante de glória para os ativistas da bicicleta em Curitiba.

Resumindo em poucas linhas o resultado de mais de um decênio de lutas, que incluíram a criação da CicloIguaçu como entidade de coordenação, a organização do III Fórum Mundial da Bicicleta em Curitiba, a construção em regime de mutirão da Praça de Bolso do Ciclista, no Centro da capital paranaense, vale assinalar que o movimento obteve, no plano político, a eleição de um de seus representantes como vereador da cidade, a partir de 2017, e como deputado estadual do Paraná, a partir de 2019; cabendo-nos a honra de exercer essa nobre função, nos dois casos como integrante das bancadas de oposição, tendo em vista a indiferença quando não a hostilidade dos executivos para com a pauta da bicicleta. Como vereador de Curitiba, antes, e atualmente como deputado do Paraná, nosso esforço tem sido o de obter avanços possíveis, graduais, teimosos, na perspectiva de que dias melhores virão para o amável, eficaz, respeitoso, saudável e não-polvente modal de duas rodas.

Uma das preciosas lições colhidas na prática do cicloativismo é a renovação do antigo princípio de que a união faz a força, com um detalhe a mais. Aprendemos que a notável força e projeção adquiridas pelo movimento cicloativista dependia, para a sua plena eficácia, da concentração das vontades coletivas sobre um único ponto, de modo a criar

uma pressão irresistível. O detalhe é que toda vez que nos afastávamos do princípio do objetivo singular, associando-o a alguma outra causa, por justa que fosse, tal como digamos a habitação popular, víamos decrescer dramaticamente o apoio social ao movimento.

### DEMOCRACIA COMO MÉTODO

Com as lições que aprendemos nas diferentes etapas do movimento cicloativista, somadas a outras reflexões que decorrem da experiência e também da observação pessoal, agora voltadas para os problemas mais gerais da cidade e do Estado, e para concluir esse breve pronunciamento, penso que tem cabimento referir-nos a um aprofundamento da democracia como uma das pernas, por assim dizer, que podem levar-nos para fora da atual zona de perigo em que se encontram a atividade política e o meio ambiente. Essa é a nossa convicção, fundada no inconformismo em relação ao gravíssimo estado das nossas relações com a natureza e a decidida rejeição e oposição que fazemos e faremos a toda forma de autoritarismo e de violência. A outra perna da caminhada são as soluções urbanas avizinhas da natureza, que têm sido formuladas sob a rubrica das “nature-based solutions” (N.B.S.).

Em resumo, diria que a democracia como método de trabalho e de resolução de problemas, não apenas como um regime de governo mas como um *modus operandi* posto na clave do múltiplo e do plural, método que contrapomos aos surtos autoritários, pode ser definida como o aprofundamento da participação popular, da escuta ativa e do empoderamento das comunidades, com o desenvolvimento de formas de democracia direta, de cocriação e corresponsabilidade, de cuidado coletivo com as cidades, tanto na escala do micro como na do maior, tanto na discussão sobre soluções para o problema que afeta uma vizinhança como, por exemplo, para o debate e as soluções de zoneamento e de mobilidade,

vale dizer, para as políticas que afetam bairros inteiros, conurbações ou toda a metrópole.

Paciência e negociação persistente são algumas das condições para o bom sucesso na operação do método democrático. Como vimos em Xenofonte, a construção do consenso não precisa ser demorada. Trata-se de uma técnica e de uma habilidade que se pode aprender em grupo e levar a um nível de desempenho e perfeição.

A democracia como método pressupõe um novo ou antes um renovado respeito às pessoas, à participação das pessoas nas tomadas de decisão, e também como antídoto ao autoritarismo e ao fascismo. E, por outro lado, implica nas soluções baseadas na natureza, no resgate de práticas ecológicas esquecidas, na reafirmação do equilíbrio ambiental e ecológico das cidades, com a recuperação dos rios, com a preservação e ampliação das áreas florestais, com o fomento à agricultura orgânica urbana e periurbana.

Estes são, em poucas palavras, os caminhos que acreditamos aptos a nos conduzir a um horizonte de sustentável prosperidade, de qualidade de vida para todos, de atenuação drástica das desigualdades. Lembrando ainda que é principalmente nas cidades que buscamos o acesso à cultura, aos equipamentos de saúde e educação, aos benefícios e confortos da civilização. Mais que isso, é sobretudo nas cidades que buscamos o encontro com os nossos semelhantes, encontro que nos define e nos realiza.

Muito obrigado.